

2006

Evolução

Publicado em Ficcões Científicas e Fantásticas, org. Miguel Neto, Ed.
Chimpanzé Intelectual, 2006, pp 57-68

Miguel Vale de Almeida

MIGUELVALEDEALMEIDA.NET

2006



Publicado em Ficcões Científicas e Fantásticas,
org. Miguel Neto, Ed. Chimpanzé Intelectual,
2006, pp 57-68

EVOLUÇÃO

Miguel Vale de Almeida

2006

Extractos das anotações de Ev ag Sirdi, escritas, há cerca de 150 anos, nas margens de um exemplar do Sagrado Ala'm encontrado na região dos Grandes Lagos, Barbária do Norte, seleccionadas e transcritas por Bei ag Arik, doutor em Evolução Humana pela Universidade de Golmak.

«Era a manhã do regresso da minha segunda expedição e uma vez mais chegava de mãos vazias. Sete anos antes, no fim da minha primeira expedição, Ad estava à minha espera com um sorriso compreensivo. Tinha recebido a minha carta, enviada por navio comercial, narrando a frustração que sentia por não ter encontrado o que buscava. O seu sorriso tinha sido também de encorajamento: “Não te preocupes, haverá uma próxima vez e, quem sabe, então conseguirás”. Sete anos depois, e após mais uma carta carregada de desilusão, como seria? Uma pessoa consegue encaixar uma, duas, até mais, desilusões seguidas. Respira-se fundo e avança-se de novo. Mas o ser com quem se partilha a vida, será que consegue ver a cara-metade falhar vez após vez? Seria encorajador, o sorriso, outra vez?»

«Tal como sete anos antes, mal se via o porto através da bruma. A viagem ao hemisfério norte tinha que ser feita na altura certa do ano, de modo a aproveitar as correntes favoráveis à navegação e evitar o clima agreste. Consequentemente, o regresso fazia-se sempre nos meses outonais do sul, esse tempo de brumas cerradas, humidade penetrante e uma luz fraca e baça que parecia coada por camadas sucessivas de gaze. Os contornos do porto e da cidade demoravam a definir-se. Primeiro surgiam os pontos de luz das lanternas de óleo de baleia acesas pelos familiares que nos esperavam. Umhas mais altas, outras mais baixas, provavelmente correspondendo a adultos e crianças. Aos poucos, tornavam-se perceptíveis os contornos escuros do palácio do Araken no alto do monte, as velas de outras embarcações. Mas antes ainda de se definirem os contornos das pessoas queridas - e dos marinheiros e soldados e estivadores e funcionários - ouviam-se os acordes da banda tocando um *saruetz* de boas-vindas.»

«Uma expedição ao hemisfério norte era sempre um acontecimento de estado. Uma expedição era um empreendimento caro e a satisfação da curiosidade e a busca do conhecimento (o que, segundo consta, os antigos chamavam *Ciência*) era provavelmente a última prioridade do estado. O Araken, o conselho de estado, queria sobretudo que descobríssemos metais preciosos. Nesse aspecto, a expedição fora bem sucedida: dois meses de navegação lenta e penosa rumo ao norte; a boa fortuna de encontrar um potentado de bárbaros do Norte vivendo um período de paz com os vizinhos e interessado em negociar connosco; a ingenuidade com que aqueles bárbaros ainda aceitavam as nossas ofertas de peles de banais macacos - tão importantes para as suas trocas rituais em lutas de prestígio entre os seus chefes - a troco de metais cujo

valor nem imaginavam; a recepção sumptuosa que nos era dedicada; e, por fim, um regresso de mês e meio num oceano excepcionalmente calmo.»

«A tripulação atirava as grossas cordas para atracar o navio, mas a bruma insistia em cobrir os contornos dos corpos de quem nos esperava. Estaria Ad ali? Teria decidido ficar em casa, sem saber o que fazer com a minha frustração? Se a minha missão como enviado comercial do Araken corra bem - como, aliás, a anterior, sete anos antes - nada de semelhante podia ser dito da minha outra missão, a *minha* missão. Uma vez mais subira o largo rio que avança floresta dentro a partir da capital do potentado nortenho com quem comerciamos. Uma vez mais conseguira, com relativa facilidade, contratar um vasto grupo de carregadores e um guia de confiança, versado nas lendas nativas sobre a existência do que eles chamam *agan-uruk*, as criaturas dimórficas. Uma vez mais conseguira chegar aos contrafortes da grande cordilheira. Dessa vez conseguira mesmo escalar até à região dos Grandes Lagos onde se supõe viverem as criaturas, apesar de ter perdido uma mão cheia de carregadores, vitimados pela estranha doença que assola aqueles matagais e da qual uma vez mais escapei ileso graças - quem sabe? - aos potentes amuletos que me havia dado o sacerdote-chefe do Araken. Dessa vez conseguira até que uma das armadilhas retivesse um pedaço duma criatura - um triste, solitário (e em tudo igual aos nossos) pé - que poderia ser tanto um dimorfo como um nativo normal. E não conseguira encontrar nada que se assemelhasse a um acampamento, uma aldeia, um povoado de algum tipo. Nada.»

«Recordo o navio rangendo contra a pedra do cais. Viam-se já vultos. Agitados, correndo de um lado para o outro, gritando nomes próprios para o navio, familiares procurando familiares. Ad não faria isso. Ad reservava a expressão das suas emoções para os sorrisos, os olhares, os trejeitos do corpo. A maior parte das pessoas vivia a chegada do navio como um acontecimento único na vida. Vida passada, na sua quase totalidade, na nossa cidade portuária de Golmak, quando muito nas imediações, ou nalguma parcela do nosso território à distância do galope dum cavalo. Viajar é uma aventura, aventurar-se é viajar; embora as expressões tenham uma ligeira distinção fonética - *armek* e *armëk* - para o comum dos mortais trata-se do mesmo: risco, perigo, atrevimento, desafio à calma rotineira e infinita da vida em Golmak. Ad nunca quis viajar comigo. Ad partilhava, sem dúvida, o meu interesse e curiosidade pela busca e pelo conhecimento. Tinha a mesma vontade indomável de saber como funcionam as coisas, para lá da explicação dos textos do *Sagrado Ala'm*, para lá das Leis do Araken, elas mesmas transposições pragmáticas dos textos sagrados. Mas Ad tinha outras formas de procurar o conhecimento. Ad lia, lia como se não houvesse tempo de vida suficiente para ler todos os textos até hoje escritos; eu viajava-aventurava. Por isso faláramos várias vezes da justeza de ser Ad, e não eu, a engravidar, a ser *uru*, genitor do lado de dentro, quando decidíssemos procriar.»

«Lembro-me como de repente a bruma se dissipou. Ali estava Ad, vulto inconfundível, para lá da banda tocando estridentemente o repetitivo *saruetz*, para lá dos altos dignitários e chefes de linhagem que tive de cumprimentar à vez, com deferência, e de quem recebi sucessivos parabéns e promessas de recompensa. Atrás de tudo isso, Ad era o verdadeiro centro da minha atenção: a mesma beleza que no meu regresso sete anos antes, o mesmo porte, a mesma atitude, deixando-se ficar ligeiramente atrás das outras pessoas, como se não quisesse ou não pudesse fazer parte da turba que corria o cais em gritos e abraços. Eu gostava que assim fosse: a atenção, os olhos, o corpo de Ad

estavam focados em mim. E, quando me aproximei, foi alívio o que senti: o sorriso de Ad dizia, uma vez mais: “Podes sempre tentar outra vez”.»

«Quantas vezes se faz amor com a mesma pessoa como se fosse a primeira? Poucas pessoas conseguem responder a esta pergunta a não ser com ironia: “Uma”. Ad e eu passámos, naquele dia, a pertencer ao grupo dos felizes que podem dizer “três” - a primeira, quando nos conhecemos, a segunda aquando do meu regresso da primeira expedição e a terceira naquele dia. Ainda no porto, Ad abraçou-se a mim com suavidade e durante um tempo deliciosamente longo. Segredou-me: “Falamos da viagem amanhã”. Lembro-me de sentir os seus seios enrijecerem. Ad deverá ter sentido que o mesmo acontecia com o meu pénis. E, logo de seguida, naqueles segundos breves e eternos do desejo de um puxando o desejo do outro, senti que o mesmo se passava com o seu pénis e Ad terá com certeza sentido que o mesmo se passava com os meus seios. E tanto eu como Ad sentíamos, abaixo dos nossos pénis, a humidade ansiosa nas nossas vaginas. Em casa fizemos amor como se fosse a primeira vez.»

«“Talvez agora deveríamos conversar sobre a expedição, não achas?” Sugestões destas, quando vindas de Ad, eram como decisões já tomadas. Ad sabia que no dia seguinte eu teria duas reuniões importantes. À primeira, com o Araken, iria sozinho, e nem uma sombra de problema era antecipável. Bem pelo contrário: o carregamento de metal que conseguira obter dos bárbaros do norte era de tal monta que o mais provável era esperar-me mais um título nobiliárquico, para não falar da concessão de terras e riqueza. O meu estatuto no Araken parecia ter uma única direcção possível: em frente e para o alto. À segunda reunião iria com Ad, já que ambos éramos membros de pleno direito da Guilda dos Sábios, o grupo semi-secreto de quinze pessoas que se dedicavam à busca do conhecimento do mundo, de todo um planeta Terra por descobrir. Éramos todos versados na exegese do *Sagrado Ala'm*; todos tínhamos aprendido a ler, a escrever, a pensar, nas escolas teológicas e todos tínhamos, num momento ou outro da juventude, pensado seriamente em optar pela carreira sacerdotal; mas todos tínhamos, igualmente, tomado uma decisão baseada no cepticismo e na curiosidade: não seguir o sacerdócio e empreender a busca do conhecimento, da curiosidade, tentando recuperar a “ciência” que, há milénios, haviam praticado os nossos antepassados. E a pergunta que sempre me havia perseguido levava-me à pergunta que poderia levar à minha perseguição....»

«“Que vais dizer à Guilda sobre a viagem?” - e o tom de voz de Ad situava-se agora no extremo oposto da música do sexo, horas atrás. “Não achas que é melhor dizeres que, à segunda tentativa, desistes do teu projecto?” “Mas eu não vou desistir da minha busca, Ad. Mesmo tu continuas a apoiar-me na minha busca, não é assim?” “Sabes bem que sim. Mas sabes que o faço porque sei que acreditas que tens razão. Outra coisa é correres riscos desnecessários. Ev, se insistes, perante a Guilda, na busca dos dimórficos...”. “Posso correr perigo, é isso?”, completei. Sabia que esse perigo era real. Embora os membros da Guilda dos Sábios partilhassem um código de honra que colocava o comum interesse pela busca do conhecimento acima de outras lealdades, também era verdade que vários membros da Guilda eram simultaneamente membros do Araken. O Araken tinha 101 membros, representando todas as linhagens de Golmak. Todos os membros da Guilda haviam recebido ensinamento sacerdotal, bem como todos os representantes das linhagens no Araken. Todos se conheciam dos tempos da escola sacerdotal: era isso que simultaneamente nos unia enquanto elite e nos separava da grande massa do povo. Nestas circunstâncias era fácil, demasiado fácil, que qualquer desconfiança ou boato saísse da Guilda e rapidamente contaminasse o Araken.»

«Enquanto Ev ag Sirdi, membro da linhagem Sirdi, uma das mais antigas de Golmak, sentia-me protegido. Não ter seguido a carreira sacerdotal não havia sido uma desvantagem, já que não se esperava isso de todos os jovens duma linhagem - apenas que tivessem o ensinamento sacerdotal, não o exercício. A opção pela carreira comercial havia sido respeitada, mais ainda após os meus sucessos nos negócios com os bárbaros do norte. Até a minha vida semi-secreta na Guilda dos Sábios poderia ser vista como uma excentricidade permitida aos poderosos e corria pela cidade o boato de que as minhas viagens comerciais escondiam propósitos de *curiosidade*, uma palavra que, não constituindo propriamente um ultraje, assumia uma titilação excitante, com sabor a proibido. O verdadeiro problema era outro: a natureza da minha busca, a pergunta que eu colocava, a resposta que a pergunta prenunciava.»

«Uma vez, depois da minha primeira viagem ao norte, Ad ordenou-me, com alguma brusquidão, que me sentasse à mesa e obrigou-me a prestar atenção. “Escuta, Ev. Escuta com atenção. Às vezes o treino sacerdotal cedo na vida faz com que os que têm obrigação de conhecer os textos sagrados sejam os que mais depressa os esquecem. Escuta *isto*:

«Ala'm acabara de criar o Universo, e regozijava com a beleza e perfeição da sua Obra. O Céu, ora de um azul escuro reconfortante iluminado pela Lua, ora de um azul pálido apaziguador presidido pelo Sol, era coisa de perfeição e tranquilidade. O Mar, reflectindo as cores dos dois céus, ondulava, ora manso, ora estridente, numa música cativante. A Terra, ora verde e plana, ora escura e montanhosa, ligava o Mar ao Céu. Era esta a casa de Ala'm. Para a habitar com Vida, fez Ala'm as plantas, que crescem da terra, largam a sua semente no ar e dão vida a novas plantas suas semelhantes. Insatisfeito com as plantas, fez Ala'm os animais, que se moviam pela Terra, usufruindo da sua beleza, e fê-los Ala'm mais complexos que as plantas de que se alimentam: a uns chamou fêmeas e a outros chamou machos, e da união de fêmea com macho nasciam as crias. Mas vendo Ala'm que muita era a disputa das fêmeas pelos machos e dos machos pelas fêmeas, e que a isso se reduzia a sua vida, fez Ala'm um novo ser, que teria por alimento as plantas e os animais. À semelhança divina o fez, sem macho nem fêmea e deu-lhe o dom da curiosidade para que pudesse descobrir o mundo e buscare Ala'm, o que está em toda a parte e em lugar algum (...))»

“Porque me lêis isso, Ad? É claro que sei o *Sagrado Ala'm*. De cor, até”, reagi então. “Porque não podes roubar às pessoas aquela frase menor mas da maior importância: *à semelhança divina o fez*; *à semelhança de Ala'm*. Pelo menos não podes *ainda*. E só Ala'm sabe quando poderás...”, retorquiu Ad. “Mas o que eu defendo está de certo modo lá, no texto”, contra-arguntei. “Ala'm não ficou satisfeito com os animais de dois sexos. Pode dizer-se que Ala'm fê-los *evoluir*; e como não descendemos de, sei lá, uma cobra ou dum estorninho, devemos descender de pessoas que ainda tinham a característica dos dois sexos, como os macacos. A minha teoria não é incompatível com o texto sagrado. Nem com a capacidade que Ala'm nos deu de indagar. Sabes bem que é essa a minha posição, Ad!” Ad sabia-o. Assim como conhecia as lendas que eu recolhera no norte, lendas que falavam de um povo mítico feito de pessoas divididas em dois sexos. Assim como sabia que havia boas razões para crer que há muitos, muitos

milénios, a humanidade - se assim podemos chamar aos nossos antepassados - fora provavelmente assim e ocupara toda a Terra, do sul civilizado às zonas bárbaras do norte»

«Ad não desistia facilmente. Aceitava a plausibilidade da minha teoria. Como pessoa curiosa que era, membro da Guilda dos Sábios, tinha uma mente prática e achava que era muito improvável demonstrar a minha teoria: “Nunca encontrarás o teu elo perdido. Nunca. Daria tudo para que o encontrasses e no entanto daria tudo para que desistisses das tuas viagens”. Ao contrário das histórias picarescas contadas pelo povo, as nossas discussões não acabavam invariavelmente fazendo amor, com aquela simetria perfeita tão ao gosto popular, em que cada membro do casal penetra o outro, uma e outra e outra vez, numa sequência interminável de busca do perfeito equilíbrio amoroso. As nossas discussões eram argumentações, à maneira da Guilda dos Sábios. E acabavam num impasse. “Portanto, Ad, o teu problema é achares que o elo perdido não existe. Que não existe uma espécie em tudo semelhante a nós, mas ainda num estágio anterior, um estágio com dois sexos? E a partir da qual tenhamos evoluído - por vontade e com o sopro de Ala'm, obviamente?” “Não, Ev, o meu problema não é esse”».

«Só compreendi o receio de Ad quando, apenas duas semanas depois, recebi a missiva para comparecer perante o Tribunal de Inquirição do Araken. Nunca na vida estivera presente numa sessão do Tribunal. Tudo o que sabia sobre a mais fechada e rígida instituição da nossa terra era o produto de boatos, historietas exemplares, lendas assustadoras destinadas a gerar a obediência e o consenso. A história mais terrível que havia ouvido impressionara-me por ter envolvido um familiar meu, Ca. O meu *uru* ou genitor do lado de dentro - aquele que me tinha dado à luz - não partilhava genitores com ninguém, não tinha *ere*, nem pelo lado de dentro, nem pelo lado de fora. Já o meu *ulu* ou genitor do lado de fora - o que calhara ser o inseminador do meu *uru* - partilhava genitores com Ca. Era, pois, *ere* do meu *ulu*, logo meu *alík*. Eu era ainda adolescente quando os meus *uru* e *ulu* me anunciaram, constrangidos, que o *alík* Ca havia sido enviado para o exílio numa terra estrangeira. Nunca quisera explicar-me porquê. De cada vez que tentavam fazê-lo, desistiam, e eu pressentia que se envergonhavam, que não conseguiam encontrar - ou proferir - as palavras certas para me esclarecer. Só anos mais tarde vim a saber a verdade, e por portas travessas: Ca havia sido denunciado ao Tribunal da Inquirição por, no acto sexual, usar exclusivamente um dos seus genitais (no caso, a vagina), recusando-se sempre a usar o outro, o pénis. Tão estreitas que são as ideias preconceituosas que impõem a “plenitude sexual”! Tão estreitas, que a lei considera a sua recusa tão criminosa quanto o homicídio! Hoje, como pessoa dedicada à busca e à curiosidade, penso que o meu *alík* Ca provavelmente manifestava apenas uma maleita, gerada por alguma herança recessiva da época bem longínqua em que ainda não tínhamos atingido o nosso estágio evolutivo de perfeitos unimorfos.»

«Nunca soube quem me denunciou ao Tribunal da Inquirição. Este aceita as denúncias anónimas e, no caso de não o serem, garante o anonimato dos denunciantes. O que o Tribunal não aceitava era que um membro do Araken e de uma das linhagens mais importantes, com treino sacerdotal, usasse os textos sagrados para neles descobrir uma brecha para a sua “confabulação pecaminosa” (a expressão que usaram) sobre a origem da humanidade em criaturas com dois sexos. O medo de Ad estava confirmado. O amor da minha vida assistiu ao julgamento com estoicismo e quando teve que testemunhar defendeu com unhas e dentes o mérito do trabalho dos membros da Guilda dos Sábios e a necessidade de estes terem liberdade para especular e prosseguir a busca e a

curiosidade. Quando lhe perguntaram se concordava com a minha teoria, respondeu honestamente que não. Não lhe deram oportunidade de explicar *em que* não concordava. Usaram o seu testemunho contra mim: “O facto de nem a companhia de vida do acusado corroborar os seus delírios pecaminosos confirma a enormidade da sua curiosidade desviada e herética!”»

«Não pude sequer despedir-me de Ad. E não vai haver outra viagem de regresso a Golmak. Nem navio, nem largas semanas no mar, nem metais preciosos para transportar, nem recepções festivas, títulos ou riquezas, nem brumas no porto, nem o sorriso de Ad, os seus cabelos, a sua pele, as suas mãos, os seus olhos, os seus seios, o seu pénis, a sua vagina, o seu suor, a sua voz, o seu cheiro. Apenas me concederam um desejo: que o lugar de exílio fosse o potentado bárbaro do norte onde fizera a minha última viagem. Mas se em Golmak eu fora banido por colocar em causa a leitura literal do *Sagrado Ala'm* e a consequente simbiose entre o poder eclesiástico e político, nas terras bárbaras do norte fui visto, da forma mais pura e simples - e portanto mais bruta - como uma perversão. De certo modo, era isso mesmo que eu desejava. Banido duplamente, banido do tosco acampamento bárbaro à beira-mar para os Grandes Lagos onde me viajo-aventuro na minha última expedição. Comigo trouxe apenas este exemplar do *Sagrado Ala'm*, minha única leitura, meu único papel de escrita. E um retrato a carvão de Ad. Vivo como um eremita e, muitas vezes, vezes demais, como um louco. Falo comigo mesmo. Discuto comigo mesmo. Fico prostrado durante longos períodos, até que a fome me obrigue a procurar alimento. Aos poucos desisto de viver.»

Esta parecia ser a última anotação de Ev ag Sirdi. Todavia, o referido retrato a carvão de Ad continha, no verso, uma breve e, essa sim, derradeira nota, escrita certamente em dois momentos diferentes. Trata-se, para todos os efeitos, da nota que torna o membro da medieval Guilda dos Sábios no percursor da moderna ciência da evolução humana:

«Exausto, acordei perante a visão de um acampamento. Não sabia como tinha vindo aqui parar. Ao meu lado, uma fogueira. Em redor, cabanas toscas, feitas de vimes e grandes folhas de palmeira. Criaturas pequeninas - achei tratar-se de crias - olhavam-me com curiosidade. Riam-se, entre embaraçadas e enojadas. Apontavam para os meus genitais, para os meus seios, de novo para os genitais. Tocavam-lhes com as pontas de paus compridos. E falavam, também!, ainda que não compreendesse o que diziam... Criaturas pensantes, portanto. Obra de Ala'm, louvado seja! Tão exausto eu estava que a primeira palavra que me ocorreu foi “mutilação”. Depois “anormalidade”: algumas das crianças apresentavam pénis e, no lugar onde normalmente deve estar a vagina, um saco para exo-testículos como os dos mamíferos inferiores; um outro conjunto de crianças apresentava apenas a vagina, estranhamente descoberta, desprovida da familiar cobertura por um pénis em repouso. Só então percebi estar perante os *agan-uruk* das lendas dos bárbaros do norte: “gente dividida”. Dimórficos ou dimorfos. Encontrara o que havia passado a vida a procurar.

Tarde demais. Doravante, eu, representante do mais avançado estágio da evolução ou da criação de Ala'm, serei apenas um bizarro objecto de curiosidade e nojo, o estranho unimorfo da tribo.»